

I

VELHOS E NOVOS

(CARTAS - CONFIDÊNCIAS)

À Hipólito da Silva

Nunca me hei de esquecer, meu caro Hipólito, do tempo em que me entravas pela casa a dentro, da redação da "Gazeta de Campinas", em certos dias, com o teu ar de gloriosa insolência, a me perguntar como iam os negócios do "almaneich".

Nesse tempo ambos nós tratavamos de imprimir um almanaque municipal e literário, à respeito do qual formavamos uns planos de lucros que até hoje ainda esperamos ver realizados.

Tinhas então o mau vêsso de pronunciar as palavras com os beiços contraídos, como que querendo dar a elas todas um certo cunho de afetação que punha toda a gente apoquentadíssima.

Eu mesmo, obedecendo à minha natureza que repugna a tudo que não é natural, simples e legítimo; eu mesmo não gostava da tua repinizada arte, e por vêszes estive quase a pedir-te encarecidamente que tivesses a bondade de puxar os beiços para a frente!

Levavas esse mau costume ao ponto de te encontrares na referida sala, com um respeitável barão do nosso conhecimento e de o cumprimentares com a tua habitual maneira:

- Como vai, Sr. "Beirão"?

E lhe fazias uma imperial inclinação de cabeça muito cheia de superioridade, deixando-me a mim

profundamente nervoso e ao barão maravilhosamente admirado!

Depois desandaste a fazer versos, nas horas vagas; versos esses mui fraquinhos a princípio (valha a verdade) um pouco mais fibrosos depois, e danados de beleza por último.

Tiveste a habilidade de te fazeres um poeta de raça!

Quanto a mim, continuei a fazer o mesmo que até então fazia, isto é - versos, artigos de fundo (fogos de Bengala), dramas, comédias, crítica (!) folhetins, o diabo, pelo que ficou sendo esta minha pobre cabeça uma espécie de loja de "ferros velhos" mais ou menos conhecida em o nosso deserto literário.

Bem te hás de lembrar ainda da espetaculosa e especial maneira com que eu escrevia os meus artigos de "fundo", à respeito das necessidades palpitantes da atualidade, imitando per eitamente o rufo dos tambores do hino sangrento da "marselhesa"!

E tudo isso a sorrir, triunfantemente e a pensar na cara com que havia de ficar o Emilio de Girardin, na glória da eternidade, quando me visse, um dia, penetrar pelo imenso azul dos céus, com a fronte enastrada de louros e de folhas de carvalho, sobraçando uma enorme pena!

Pertenciamos nesse belo tempo, eu e tu, à brava falange dos "novos" que, para ambos nós, acabou exatamente ali pelas alturas em que começaram as baixas decepções que nos trouxeram os nossos dois últimos sonhos de "jovens" - a minha "Valombra" e os teus "Latifúndios".

Depois, entrámos a nos fazer velhos, positivistas, utilitários, homens de pêsso, senso e cautela, e num rasgo épico de idealidade suprema, escrevemos a última gigantesca estrofe do nosso poema da vida, casando, e dando

desde logo ao mundo ingrato e traiçoeiro, o salutar e prático exemplo de dotá-lo com um número respeitabilíssimo de crianças de ambos os sexos, para a glória do lar doméstico e da pátria.

Ai, que galante história que é esta vida!

Hoje estás administrador de tipografia e Intendente Municipal, deplá posição administrativa que acabou por fazer de ti um homem grave, com um secretário es tipendiado para escrever as cartas que ditares, à moda dos ministros de Estado.

Intendente, tu? Poeta e prosador primorosamente frívolo, encadernado agora em austero sr. Intendente, nesta mesma originalíssima época em que eu também, (valha-me Deus!) acho-me metamorfoseado em respeitável senhor "Notário":

Que mal faríamos nós ao velho destino, meu caro Hipólito, para vemo-lo assim transformar as nossas risonhas e "primaverís" figuras de moços de outro tempo, em sombrias e tétricas figuras de quinto ato de drama lhão antigo?!

Tu, Intendente e eu - Notário!

Decididamente foram-se-nos os sonhos dourados da vida; é provável que se não formos mais velhos que o dilúvio, pouco há de faltar, porque essas coisas só acontecem depois de uns bons cem anos de peregrinação por este escuro vale de lágrimas.

É por esta razão que agora, quando publico qualquer coisa, tenho jeitos de fantasma que se levanta de um túmulo secular infundindo pavor aos modernos pimpôlhos da nossa mimosa literatura moderna, os quais começam logo a bradar:

- Lugar, lugar aos "novos" que chegam! É tempo de só falarem os "novos"! Abaixo os "alcaides" da literatura romantica, velha e estafada!

E os golpes de pena, os galantes novatos vão atirando pelos ares com o Vitor Hugo, o Lamartine, o Byron, o Schiller, o Alencar e seus velhos discípulos. E lá te vais tu também por terra, com a tua pequena, porém brilhante bagagem literária; e eu, (modéstia à parte) com os meus sete volumes de prosa e verso, sete inofensivos pecados mortais.

E todos nós, em suma, que já não somos novos, vemo-nos obrigados a nos recolher aos bastidores, porque o luxo atualmente para ser bom escritor, é ter, primeiro que tudo, o defeito principal que antigamente podia ter quem se metia a rabiscar papel, este adorável defeito - a inexperiência, irmã predileta da juventude; e também isto: não produzir coisa nenhuma.

- Lugar aos novos!

Dai lugar aos novos, bradam-nos!

Que diabo havemos de fazer nós, meu bom Hipólito, diante desta marcial intimativa?

É atender ao toque de retirada, ceder o lugar exigido e armarmo-nos muito tranquilamente dos nossos nasóculos, depois de bem limpos os vidros, a fim de ver se descobrimos a obra dos "novos", a obra verdolenga da nossa verde literatura, que venha justificar a impiedade

sa condenação da obra dos maduros como eu, tu e outros.

A história de todas as literaturas nos tem ensinado esta grande verdade: que o homem só consegue produzir obras primas de arte, depois que chega à sua completa maturidade; depois que dobra o cabo da segunda mocidade e entra francamente no período da primeira velhice. Assim o têm provado todos os grandes mestres, inclusive o Zola, que só muito depois dos quarenta anos é que deu ao mundo a sua obra prima, o seu incomparável "Germinal".

Os outros, os "novos" lá da França que procuram imitá-lo, fazem um fiasco medonho e submergem-se nas águas negras do Letes, com toda a sua mocidade e todos os seus sonhos de glória!

Percebo já daqui que estás a sorrir, assim a modo de quem julga que eu me quero colocar na plana dos grandes homens, e procuro defender a minha causa...

Não, meu caro Hipólito. Arreda de ti qualquer pensamento menos justo a meu respeito. Eu sempre fui aquilo que tu conhecestes em todos os tempos: um homem sincero e simples, candidato a Juiz de Paz derrotado outróra, atual empregado público e escritor nas horas vagas, sem "pôse", sem tolas vaidades, certíssimo sempre, como aquele grande filósofo, de que quanto mais aprendo menos sei. Além do mais, estou convencido de que neste país faz um perfeito papel de anjo-mártir quem quer ser literato, conseguindo apenas recomendar-se, positivamente, a duas instituições altamente pias - a cadeia e o hospital de doidos!

Ora agora imagina tu um anjo na cadeia...

Lembras-te de um romance que publiquei há cerca de quatro meses? Pois bem; foi depois que o dei à estampa que comecei a ter medo de mim mesmo.

- Estarei eu doido? Perguntava aos meus botões. Porque eu tinha de mim para mim que a obra era fraca, porém aceitável. Entretanto vem a crítica representada em três conspícuos corifeus do Olimpo literário e decretou tanta coisa desencontrada, que eu cheguei a me persuadir de dois assertos diversos, ao mesmo tempo: que eu tinha escrito uma coisa à toa, e que tinha traçado um esplêndido romance!

Porquanto, um dos críticos sustentava que o romance era obra completamente nula; outro dizia que havia ali um capítulo, "um só", verdadeiramente inspirado - uma página de ouro: ao passo que outro afirmava que o livro continha quatro capítulos admiravelmente traçados, realmente primorosos!... Não me refiro ao meu bom amigo Vieira de Almeida, o único dos críticos que me disse, com a sua incontestável competência, umas tantas coisas benévolas que me penhoraram em extremo.

Ora, já vês que isso de crítica literária, em o nosso meio literário, parece uma brincadeira de "novos", uma coisa muito ao jeito de inocentes infantilidades.

2

2 2

E aí tens tu porque estou disposto a ceder o lugar aos "novos", rapazes, aliás, de talento, que de certo vão abastacer o nosso exíguo mercado literário com a

sua luxuosa produção, e esplêndida prosa e filigranas de estilo poético muito cheio de "madonas nuas" e sonhos anacreonticos, tudo isto iluminado pela chama azul dos "punch" por estas compridas noites frias.

Que hei de fazer senão recolher-me aos bastidores, já agora?

Estou na Tebaida ou em Cápua, como queiras, a sorrir de gosto e de ventura vendo o sorriso divino dos meus filhos, inocentes crianças que muitas vezes me perguntam porque, quando sorrio, tenho sempre os olhos cheios d'água... E eu lhes respondo que não é nada, que ardem-me os olhos e que estou endefluxado. E procuro esconder muito depressa, com um singelo lenço de linho, os melhores diamantes do meu coração de pai pobre, mas feliz no seu lar doméstico.

Já vês que dou lugar aos "novos", não lhes disputo o campo, e fico-me na minha paz de espírito vendo passar a turba-multa vencedoras das mediocridades audazes, dos orgulhosos sem talento, dos ambiciosos sem critério e dos felizes sem coração.

Desculpa-me, meu caro Hipólito esta descaída elegíaca e consente que eu não continue por hoje, mesmo porque torna-se necessário fazer economia de papel. O meu único ideal poético atualmente resume-se neste: economizar. Queres saber, só por curiosidade, qual é o meu último plano financeiro?

É este:

Com as próximas sobras prováveis de minha parte no cartório, onde sirvo interinamente, comprarei três objetos característicos que me irão ao pintar

presentemente: uma caixa de tabaco, um lenço de Alcobaça, e... uns óculos verdes!...

Aplaudes? Pois tanto melhor.

Campinas, - Junho de 1890.